

## **O tom do gênero docudrama no programa jornalístico Tribunal na TV: um estudo da atuação cênica do apresentador<sup>1</sup>**

Lucas Bonesi FERREIRA<sup>2</sup>  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Florentina das Neves SOUZA<sup>3</sup>  
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

### **Resumo**

Este artigo pretende analisar como o tom do programa jornalístico Tribunal na TV pode ser identificado por meio da atuação cênica do apresentador. Classifica-se o programa em um gênero específico mediante sua gramática televisual para que seja possível investigar qual o tom deste tipo de produção. Assim, após a categorização do Tribunal na TV como o gênero docudrama, é possível comparar o tom do programa e a atuação cênica do apresentador. Através da observação de duas imagens do apresentador, é possível determinar que o gênero docudrama carrega enorme carga melodramática e em virtude de utilizar expressões faciais sérias e marcantes, a constante gesticulação das mãos e a interpelação através de olhar confirmam a dramaticidade requerida para este gênero.

**Palavras-chave:** Comunicação; Telejornalismo; Docudrama; Apresentador; Tribunal na TV.

### **INTRODUÇÃO**

Em qualquer programa audiovisual, as formas de expressão do texto são múltiplas, entre elas as cores, formas, sons, jogo de luzes e câmeras, edição, diálogos, textos, figurinos, cenários, encenação, trilha sonora e a apresentação. Este artigo tem como objetivo compreender qual o tom adotado na atuação cênica do apresentador mediante a leitura da gramática televisual do programa *Tribunal na TV* para classificá-lo em um gênero específico.

Para o estudo, observaremos e classificaremos as imagens da atuação cênica do apresentador a fim de compreender se sua *performance* no decorrer do programa é apropriado para o gênero ao qual o *Tribunal na TV* pertence.

#### **1) O programa: Tribunal na TV**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação Audiovisual, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Comunicação Visual na Universidade Estadual de Londrina e bolsista da CNPq. [lucasbonesi@hotmail.com](mailto:lucasbonesi@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Doutora pela universidade de São Paulo, docente do programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. [flora@uel.br](mailto:flora@uel.br)

No caso do programa jornalístico analisado neste artigo, o *Tribunal na TV*, produzido pelo jornalista Marcelo Rezende e apresentado por João Bourbonnais, é adotado um formato onde o âncora irá costurar informações verídicas de pessoas envolvidas em crimes com a dramatização destes eventos. Foi levando em consideração esta análise da gramática televisiva que foi possível qualificar este programa como Docudrama.

A primeira edição do *Tribunal na TV* estreou no dia sete de maio de 2010 e teve o último episódio transmitido no dia 25 de fevereiro de 2011. Era exibido semanalmente, às sextas-feiras, e a cada novo episódio se reconstruía uma história diferente. Os temas abordados em cada programa sempre fazem referência a homicídios que tiveram grande repercussão no Brasil. O episódio analisado neste artigo, exibido no dia três de dezembro de 2010, leva como título “Maníaco do Parque – a Caçada” pelo fato de recontar a história de Francisco de Assis Pereira, conhecido como “maníaco do parque” por matar e estuprar mulheres no Parque do Estado em São Paulo no ano de 1998.

## 2) **Tribunal na TV e o Docudrama**

Este trabalho parte do pressuposto de que o gênero se forma no interior de uma cultura e funciona como um dispositivo de orientação de toda uma linguagem expressiva que garante a comunicabilidade dos produtos televisivos entre emissor e receptor. Entretanto, deve-se também compreender que pelo fato de estar inserido na dinâmica cultural, social e histórica, está em constante mudança, adotando formatos e modos de expressão diferentes.

Em virtude de estarem submetidos à ordem da dinâmica cultural, os gêneros podem fundir-se e criarem diferentes formatos. José Carlos Aronchi de Souza (2004) explica que o gênero documentário transmite sua credibilidade por meio de entrevistas e imagens com narração em *off*. Entretanto, ao associar-se com a teledramaturgia “para justificar um argumento ou ilustrar uma história real, o programa apresenta um novo gênero, denominado docudrama” (SOUZA, 2004, p. 105).

O docudrama é um documentário dramatizado, com atores que encenam os personagens reais, reconstituindo crimes, interpretando história de personalidades ou protagonizando um assunto. O tema mais abordado nos docudramas está relacionado a temas policiais como crimes hediondos, acidentes, mortes, contravenções penais, ações policiais etc. Ao se tratar sobre temas principalmente relacionados a dramas humanos, os docudramas tendem sempre alimentam uma carga dramática maior nas narrativas. O

produtor chileno Valério Fuenzalida explica que a denominação mais convencional do docudrama é a "hibridização entre o gênero informacional (que documenta um núcleo ocorrido apoiado em fatos sobre temáticas com desventuras cotidianas) e uma representação ficcional feita por atores" (FUENZALIDA, 2008, p.160).

A descrição do autor revela que este tipo de produto televisivo é um gênero híbrido que reconta casos dramáticos da vida real através da encenação feita por atores. Um elemento importante para a produção deste gênero é a origem factual da história reconstituída. Esta origem "real" das histórias deve supor uma pesquisa prévia dos casos como "entrevistas com as pessoas, autorização para representar o caso ficticiamente, medidas para preservar a privacidade e o anonimato etc." (FUENZALIDA, 2008, p. 162). O autor completa expondo que as fontes podem ser jornais, consultórios clínicos, psicólogos, arquivos de família, arquivos policias etc. Fuenzalida (2008) destaca ainda a necessidade da utilização de atores que não são conhecidos pelo público. A utilização de atores desconhecidos tem a intenção de produzir no público os efeitos de realidade, ou seja, é a inserção corporal do caráter não-ficcional da história ficcional.

Se fossem utilizados atores conhecidos pelo grande público, a ficcionalidade dos casos reais ficariam, segundo o autor, "sobrecarregadas". O telespectador necessita interpretar as encenações das histórias reais como sendo reais, pelo menos, naquele momento. Quando se utiliza atores "conhecidos pelo público", a possibilidade do telespectador diferenciar a "realidade" da "ficcionalidade" seria muito distinta. O que faz o docudrama se diferenciar de outros programas é que a forma de mostrar a "realidade dos fatos" é feito mediante a utilização de atores não conhecidos para criar o "efeito de realidade" nas encenações.

O autor afirma que "as personagens ficcionais representadas por não-atores profissionais significam corporalmente o caráter não ficcional da narração; é uma forma significantes híbrida do caráter híbrido do gênero" (FUENZALIDA, 2008, p. 163). No entanto, a "realidade" dos casos não é apresentada apenas com a utilização de atores desconhecidos que encenam as histórias reais. As entrevistas também são elementos importantes na reconstrução das histórias, pois, como expõe o autor, é um jogo lúdico onde as personagens "saem" da história ficcional e pedem "ajuda" ou "esclarecimento" das pessoas reais sobre alguns fatos encenados.

Alexandre Tadeu dos Santos (2009), ao fazer uma análise do gênero, elenca diversos elementos que podem ser caracterizados como pertencentes ao gênero. O primeiro ponto

abordado pelo autor sobre o docudrama é que este produto “constrói o discurso em uma relação híbrida com o melodrama clássico, no qual questões humanas, familiares, sentimentais, condutas de personalidades, catarses são postas em destaque” (SANTOS, 2009, p. 2). Além disso, todas as obras caracterizadas como docudrama são baseadas em fatos reais e recontadas a partir de elementos ficcionais, colocando maior peso nas questões morais humanas.

A estrutura do formato deste produto televisual obedece a determinadas regras que são inerentes ao gênero docudrama como “fatos transformados em tramas, uso de locução *off*, atores não conhecidos do grande público, mas parecidos fisicamente com as pessoas retratadas, intensa carga dramática com forte apelo moral” (SANTOS, 2009, p. 3). O autor ainda coloca que o docudrama tem uma relação híbrida com o documentário, uma vez que o gênero se utiliza de entrevistas, imagens de arquivo, arquivos em VHS e fotos das famílias envolvidas, depoimento dos familiares e a utilização de atores pouco conhecidos pelo grande público. Pode ser complementado aqui que a credibilidade, a “veracidade” das histórias ficcionais advém da utilização destes recursos expressivos que indicam a existência de um caso real.

Com a finalidade de se observar mais precisamente como o *Tribunal na TV* se encaixa no conceito de docudrama, é preciso pontuar determinados elementos que são comuns – ou recorrentes – neste tipo de gênero. Santos (2009) descreve diversos elementos sobre o docudrama como a recriação de fatos e o uso de atores não profissionais para criar o “efeito de realidade” nas dramatizações dos eventos. A intercalação entre as encenações de materiais de arquivo da emissora com entrevistas de policiais, médicos, psicólogos e parentes das vítimas.

A utilização de um apresentador com o texto na terceira pessoa, pontuado pelo autor, é encontrado no *Tribunal na TV*. Entretanto, sua atuação cênica não é imparcial, mas carregada de carga melodramática. O apelo dramático e o questionamento ético-moralizante é presente na forma como os acontecimentos são dramatizados, mostrando o lado mal do assassino, a inocência das vítimas e a busca policial para capturar o homicida. Os efeitos éticos aparecem no momento em que o programa se refere da forma como a justiça brasileira cuidou do caso. Por fim, a necessidade das histórias estarem baseadas em histórias reais ou biografias: é a essência deste tipo de produção, pois é justamente a história real que irá dar forma às dramatizações. Isto pode ser explicitado no quadro abaixo:

**Quadro 1: Características da gramática televisual do gênero docudrama.**

<p><b>1) Recriação dos fatos reais e uso de atores não conhecidos pelo grande público.</b></p>	<p>Ao analisar o Tribunal na TV, a recriação dos fatos reais fica evidente, pois se reconstituiu a história do “maníaco do parque”; nenhum ator do programa é conhecido, gerando este “efeito de realidade” nas dramatizações.</p>
<p><b>2) Uso de materiais de arquivo e intercalação das tramas com entrevistas de pessoas envolvidas de alguma forma no caso.</b></p>	<p>No caso do programa investigado, esta característica é marcante, pois as dramatizações não são intercaladas apenas com entrevistas de médicos, policiais, psicólogos, legistas e parentes das vítimas, mas também com este material de arquivo da própria emissora.</p>
<p><b>3) Uso de voz <i>over</i> com ancoragem mediada por um apresentador com o texto sempre em 3ª pessoa.</b></p>	<p>O apresentador, no caso do Tribunal na TV, tem seu texto em 3ª pessoa, mas sua interpretação é carregada por um tom sério e interpelativo.</p>
<p><b>4) Forte apelo dramático e pretende fomentar questões ético-moralizantes.</b></p>	<p>As encenações melodramáticas do programa mostram a “crueldade” do assassino, o “terror” das vítimas e a “luta” da polícia desvendar o crime; os efeitos éticos partem de como a justiça brasileira lidou e julgou o caso do assassino.</p>
<p><b>5) Trata de histórias de vida ou biografias.</b></p>	<p>Esta característica faz parte da essência das dramatizações no docudrama: é necessário, para criar o “efeito de realidade”, tratar de uma história real onde o telespectador possa comprovar (por meio das imagens e entrevistas) que determinado evento realmente sucedeu.</p>

### 3) O tom do docudrama e o apresentador do Tribunal na TV

Fuenzalida (2008) descreve o apresentador como alguém reconhecido em outros programas com conteúdos sociais e completa como é a atuação do apresentador em um docudrama:

É um apresentador real, não ficcional; trabalha-se com a leitura intertextual da audiência e a aura potencial, gerada com a audiência em outro programa. O apresentador introduz e encerra o episódio, assim como a narração em *off* e as entrevistas com as pessoas reais que participaram (narrado ficcionalmente) (FUENZALIDA, 2008, p. 163).

Compreende-se que o apresentador, na maioria das vezes, deve ter sua origem em outro programa a fim de se conquistar a audiência em virtude daquele da sua forma específica de conduzir o programa. O apresentador deste gênero específico, pelo fato do programa ter um apelo moral e dramático, irá fazê-lo atuar de forma diferenciada de um telejornal. Fuenzalida (2009) continua explicando que nos docudramas os apresentadores podem assumir a função de conduzir os telespectadores para uma leitura específica do

programa, onde no docudrama seria, para o autor, uma leitura “realista-emocional-educativa” (FUENZALIDA, 2009, p. 163).

Adotando a posição que os apresentadores assumem a função de conduzir os telespectadores para uma leitura específica do programa, é preciso entender qual o “tom” conferido ao programa *Tribunal na TV*. Este conceito sobre o tom do produto televisual é discutido por Elizabeth Bastos Duarte e Vanessa Curvello (2009) onde é classificado como a forma que um programa deseja ser interpretado, isto é, “um ponto de vista a partir do qual sua narrativa *quer ser reconhecida*” (DUARTE e CURVELLO, 2009, p. 63).

Este reconhecimento por parte do telespectador sobre o tom do programa o coloca na posição de cúmplice onde a intenção é cativar o telespectador. O tom do programa também pode ser compreendido como a “construção de posicionamentos de leitura do programa que pode ser entendido como seu *estilo*, o que o identifica e o diferencia dos demais” (DUARTE, 2008, p. 3). As autoras ainda argumentam que o tom se orienta pela harmonização entre o formato do programa, o tema emitido, o público que se destina e o tipo de interação que se pretende manter com o telespectador (formato-tema-público-interação).

No entanto, para Duarte e Curvello (2009), existem produtos televisivos que não optam por essa expressão tonal dissipada nos vários níveis de linguagem. As autoras expõem que determinados programas acabam “optando por uma manifestação mais concentrada e centralizada por essa figura que convoca para si a responsabilidade da manifestação tonal” (DUARTE e CURVELLO, 2009, p. 66).

Ao se observar o *Tribunal na TV*, pelo fato de João Bourbonnais ser um ator relativamente desconhecido, não está delegado a ele a função enformar o tom deste programa. No entanto, é preciso afirmar que sua presença irá definitivamente evidenciar o tom do programa, pois é também por meio da sua atuação que o telespectador irá compreender claramente a forma como o programa deseja ser lido. Sua voz firme, grossa e impositiva e o olhar constantemente interpelativo coloca-o como um apresentador que tem o poder de enformar o tom do programa. Ele pode não conferir “todo” o tom, mas com certeza é através da sua forma de atuação que o produto televisivo é apreendido como um gênero dramático.

O formato do docudrama contém um apresentador que fala sempre em 3ª pessoa. Santos (2008) explica que o texto jornalístico busca uma objetividade para que a história informada seja lida como imparcial. No entanto, o autor reconhece que esta “objetividade”

é uma ilusão, pois o enunciador sempre vai conduzir o enunciatário para a perspectiva que seu texto deseja ser lido. Esta estratégia no texto jornalístico acontece com o mecanismo discursivo em 3ª pessoa. O âncora do *Tribunal na TV* fala em terceira pessoa, mas seu texto é carregado de adjetivos e palavras que acentuam a dramaticidade da história. Isto é característico do gênero híbrido: ele fala em terceira pessoa – que supõe objetividade – mas sua atuação dramática na apresentação do programa acentua a característica melodramática.

Dannilo Duarte (2008) pontua que quem desempenha o papel de mediação entre o programa, os telespectadores, os entrevistados e os outros personagens envolvidos é o apresentador. Neste sentido, “é quem representa a ‘cara’ do programa e é quem primeiro estabelece um contato com a audiência” (DUARTE, 2008, p. 6). De fato, João Bourbonnais é quem realmente, como coloca o autor, forma a “cara” do programa, justamente por atuar de forma “marcante”. Mas sua atuação definitivamente está de acordo com a combinatória tonal do programa de forma dissipada e difusa.

Duarte (2008) destaca que além do papel do mediador, existe a voz onipresente da narração em *off* que podem ser escutadas na dramatização dos eventos. O *Tribunal na TV* compartilha com o mesmo formato, ora é o apresentador que fala, ora que o narrador das simulações que assume o papel de condutor da história. Ressalta-se uma característica: “é importante lembrar que o narrador é responsável apenas pelo *off* das simulações, os textos mais factuais ficam a cargo do mediador [...]” (DUARTE, 2008, p. 15). O mesmo caso acontece no programa: o momento de informações “jornalísticas” do programa é mencionado pelo apresentador, por exemplo, sobre o dia dos acontecimentos, as pessoas envolvidas, quantas mulheres foram mortas e onde está o assassino atualmente.

Silva (2013), em sua análise histórica dos apresentadores de telejornal, é possível encontrar elementos que podem ser aplicados no programa jornalístico *Tribunal na TV*. A autora parte de uma topologia que engloba três formas históricas dos apresentadores se comportarem em telejornais: são os “cabeças falantes”, depois os “corpos expressivos” e os “corpos imersivos”. O conceito de “corpos expressivos” é quando o âncora de um telejornal deve utilizar gestos e emoções a favor da notícia. O corpo inteiro fala e todos os seus gestos participam do processo de expressão. A autora explica que “a nova demanda começou a de interpretar as notícias, ou seja, acentuar com inflexões de voz diferenciadas o que se desejava ressaltar, utilizar os recursos faciais para expressar as emoções e gesticular disciplina e domínio em cena [...]” (SILVA, 2013, p. 6). Para que esta análise esteja evidenciada, é necessário a consideração da figura 1 e 2 abaixo:



**Figura 1**



**Figura 2**

Ao se observar a figura 1, fica claro que o apresentador se encaixa na definição de “corpos expressivos”, pois ele gesticula e utiliza as expressões faciais para acentuar alguma parte do discurso. Pode-se perceber aqui que o programa foge da “imparcialidade” do apresentador de um telejornal na medida em que se adota uma expressão mais dramática para a narração dos fatos. Mas esta forma de atuar no programa condiz com o formato que ele assume, reconstituindo histórias reais e revelando apenas temas dramáticos.

Sua forte expressão dramática e séria no rosto e principalmente a interpelação através do olhar, observados na figura 2, fazem parte da dramaticidade que é carregada na apresentação. Juliana Freire Gutmann (2009), utilizando o espanhol Eliseo Verón (1998), explica que o autor coloca o jogo do “olhos nos olhos” do profissional na televisão é a marca do discurso informativo na televisão e que marca a credibilidade do enunciado. É neste jogo do olhar que se estabelece a confiança do telespectador para com o mediador de



determinado programa. No caso do *Tribunal na TV* em questão, além do olhar interpelativo do apresentador estar carregado de dramaticidade, é gerado a confiança de que as informações transmitidas por ele são reais, gerando maior “confiabilidade” nas dramatizações.

#### **4) Considerações finais**

Por meio da proposta de analisar a atuação cênica do apresentador mediante a observação do gênero específico do programa e retirando duas imagens para serem investigadas, foi possível analisar que o programa jornalístico *Tribunal na TV* se encaixa no gênero docudrama pelo seu formato. É conservado um tom mais de narrativa, de “análise” de como foi a crueldade dos crimes, como a justiça brasileira conseguiu a condenação do assassino e qual a situação do homicida no momento.

Em virtude de o docudrama tratar apenas de tópicos relacionados aos dramas vividos por pessoas – como os crimes –, foi observado-se que o apresentador do *Tribunal na TV* estava de acordo com o tom normalmente conferido ao docudrama. O modo como propriamente seu corpo atua na narração dos fatos acontece de forma dramática, pois as gestas e as expressões faciais são bastante utilizadas.

Outro fato bastante importante é a consideração da própria expressão facial do apresentador. A interpelação através do olhar é uma característica importante no docudrama, pois não é apenas através da utilização de entrevistas e imagens de arquivo que o telespectador irá criar este “efeito de realidade” nas dramatizações.

É necessário que o apresentador “olhe nos olhos” no telespectador para que este sinta que há credibilidade não apenas nas imagens “reais”, mas principalmente nas dramatizações. Portanto, a necessidade de um apresentador junto com o conteúdo informativo do programa é o que vai passar credibilidade não apenas para as histórias do programa, mas também para as dramatizações. Compreende-se então que a atuação cênica do apresentador do *Tribunal na TV* é compatível com a dramaticidade requerida para o gênero Docudrama.

#### **REFERÊNCIAS**

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

DUARTE, Dannilo. **Jornalismo policial, gênero e modo de endereçamento na televisão brasileira.** In: Colóquio Internacional Televisão e Realidade. Salvador, 2008. Disponível em: < <http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Dannilo%20Duarte.pdf>> Acesso: 27/06/2015.

DUARTE, Elizabeth Bastos e CURVELLO, Vanessa: **Telejornais: quem dá o tom?** In: GOMES, Itania Maria Mota. **Televisão e Realidade** (Org). Salvador: EDUFBA, 2009.

FUENZALIDA, Valério. **O docudrama televisivo.** In: Revista MATRIZES. Ano 2 – Nº1, segundo semestre de 2008, p. 157-172. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/188/317>> Acesso: 26/06/2015.

GOMES, Itania Maria Mota. **Metodologia de Análise do Telejornalismo.** In: GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo** (Org). Salvador: EDUFBA, 2011.

GUTMANN, Juliana Freire. **Articulação entre dispositivos televisivos e valores jornalísticos na cena de apresentação do Jornal Nacional.** In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais Eletrônicos, Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://intercom.org.br/premios/2009/Gutmann.pdf>> Acesso: 26/06/2015

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: SENAC, 2000.

SANTOS, Alexandre Tadeu dos. **Proposta de leitura de docudramas: uma análise do quadro “Anjo da Guarda” do Fantástico.** In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais Eletrônicos, Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2133-1.pdf>> Acesso: 26/06/2015.

SILVA, Edna de Mello. **Corpos em cena: de “cabeças falantes” a “corpos imersivos” o papel dos apresentadores no telejornalismo brasileiro.** In XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais Eletrônicos, Manaus, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0937-1.pdf>> Acesso: 26/06/2015

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e Formatos na Televisão brasileira.** São Paulo: Summus, 2004.

VERON, Eliseo. **La semiosis sociale.** Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.